

O extraordinariamente claro crítico literário Brasileiro Álvaro Lins explicitou num dos seus textos que o versilibrismo da poesia moderna permitia ao poeta uma mais ampla capacidade de expressão. Na sua perspectiva as baías da metrificação dos cânones literários antigos impediam o poeta de dar livre curso aos rios mais profundos da sua imaginação, da sua sensibilidade, da sua emoção e do seu pensamento. Pessoalmente nutro uma admiração incondicional por alguns poetas que obedeceram aos parâmetros clássicos, nomeadamente José Régio, Camilo Pessanha, Luís de Camões, Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa ele mesmo, e coloco algumas reservas aos poetas que praticam os “versos brancos”.

A obra “Paredes Abertas ao Céu” de Inez Andrade Paes está inteiramente escrita em versos livres. O título e a dedicatória do livro têm em si algo de contraditório. As paredes abertas ao céu não o podem ser por falta de sustentação, e a dedicatória, inicialmente particular, “a meus Pais”, amplifica-se universalmente “a todas as pessoas que vivem com a solidão”. O título e a dedicatória dão-nos também o sentido último do livro: - o importante é comunicar sem barreiras algumas.

Um ou outro poema do livro demarcam a passagem do sentimento de se ter a alma leve “me leve a dar a mão a nada” para o de uma alma sobrecarregada “em redor/olho de sobrolho pensado/sobrolho fixo”, (p 11), ou ainda “nesse jardim magnífico/onde guardamos/memórias/entre as flores e os pássaros” para “tombam contigo/mais lágrimas/silentes” (pp 50 e 51).

Versos seus há que por condicionantes rítmicas parecem pedir uma maior proximidade doutros constantes no mesmo poema, deles muito distanciados, como por exemplo: “garanto que a palavra/escrita” e “conforme o pensamento/ me limita”. Entre os versos transcritos neste parágrafo encontram-se dispostos outros versos em prejuízo do seu ajustamento pela sonoridade verbal.

Os seus Pais, ou alguém não designado, são os destinatários de grande parte dos poemas de Inez Andrade Paes. E os primeiros versos do seu poema “Teu mar” “gosto de te ver sentada/naquela cadeira branca de madeira na linha do mar/ com os pés mergulhados nos riscos longos que o Wimbe/faz” soam como um eco prolongado no tempo daqueles que outrora escreveu sua Mãe, a poetisa Glória de Sant’Anna: “apenas eu, estudando/através do gozo de estar ao sol/numa cadeira vermelha/já velha/o sentido estético da tarde”.

Uma memória diluída de África permanece em alguns dos versos integrados em poemas vários: “pousa em minha mão como missanga perdida” (p 13), “na enseada ao pé do embondeiro velho” (p 20), “o sol levanta-se/para encontrar/a humana figura/que transparece/no halo daquela palmeira” (p 44), ficando ainda outros por citar.

Instituímos os outros na nossa memória, sairmos do nosso casulo interior, é meio caminho andado para o nosso equilíbrio psicológico. Mas tal nem sempre é possível. E ficamos pendurados em nós mesmos. Sobre a impossibilidade duma verdadeira e funda comunicação a poetisa escreve: “a solidão/já cá está/andamos lado a lado/de laço apertado/e colarinho fechado”.

Fechado também se encontra este breve poema na sua perfeição imune às rasuras.

Um poema enigmático é aquele que oferece pistas de leitura que quem o lê deve por si encontrar. Alguns dos poemas de Inez não são facilmente decifráveis. Um deles, a (p 24), termina assim: “de saia rendada a preto/que se cola ao corpo/contíguo ao vento/a olhar por ti/o cabelo rubro/ilumina a noite/que te vela sempre/até à chegada”.

O frio é um apelo à imobilidade. Os mortos sabem-no. A argamassa do silêncio é feita de palavras imóveis. O que será o silêncio de frio? Um estado não definível de desolação interior? Para a poetisa “são brancas/são geladas/são de água/as palavras/o silêncio de frio/nem as folhas mortas/me aquecem este Inverno/a última se foi na água”.

“Paredes Abertas ao Céu”. Antes de tudo, um poema de exaltação e da memória dos entes queridos, dentre os quais se sobrepõe a figura de sua Mãe “Mãe/como respiro/quando escrevo e me enlaço/na dobra do teu vestido/e me deito no colo já dorido/e adormeço”. A reconfiguração mental dum África distante, mas sempre presente, “molha-me o rosto/com espuma branca/desenha o caminho/para Pemba” a (p 55), ou ainda “volta/na próxima Primavera que te quero/olhar no dorso dela/já ambas/vestidas de África”.

O desejo conseguido de prender o vento com as mãos, “vento/minhas mãos são de água/o vento disse/lavas-me a alma manchada” e idealizado de voar “com as andorinhas/pousada no negro azul brilhante das asas”.

Florbela Espanca ao exclaimar “que tu és como Deus, princípio e fim” definiu uma fasquia inultrapassável para uma idealização feminina do homem. Num registo mais próximo do senso comum Inez Andrade Paes escreve: “de te olhar me espanto” Espanto esse que se consubstancia nesses pequenos cristais de memória translúcidos atravessados pelo brilho das palavras que são os seus poemas.

JORGE VIEGAS

Lisboa, 3 de Novembro de 2014

* * * * *

Breves Notas Sobre o Livro “Paredes Abertas ao Céu” de Inez Andrade Paes

por Victor Oliveira Mateus, poeta

Ao contrário de muita da poesia escrita nos últimos anos em Portugal continental, de raiz fundamentalmente urbana, com os seus ícones, as suas preocupações e, muitas vezes até, com o panegírico das suas vivências, a poesia feita por grande parte dos autores cuja nacionalidade e/ou origem é a África de língua oficial portuguesa apresenta-nos um paradigma bastante diferente. Se referi apenas o continente, é porque me parece que muita da poesia oriunda do Portugal insular não enforma desse alarde do cidadão, embora nalguns casos sejamos tentados a cair na armadilha que alguns autores nos tentam apresentar, como é o caso do último livro de Álamo de Oliveira e de alguns poemas de Daniel Gonçalves. Mas em grande parte da poesia onde circula o áfrico sangue o discurso é distinto, discurso esse, que, ao contrário do português, assume os vários territórios ecológicos que em si se entranham dando azo a uma iniludível especificidade: “Chão inconquistado, chama-me teu que sobre minha

fronte se/ esvai a lua esburacada na sanzala.”, diz-nos o serviçal de Conceição Lima (In “O útero da casa” p 35), “Eu terra eu árvore eu sinto/ todas as veias da terra/ em mim e/ o doce silêncio da noite” afirma-nos o Adorno de Paula Tavares (in “Como veias finas na terra” p 26) – esta recorrência do natural, do mundo do trabalho e da interioridade ante ambos difunde-se por tantos e tantos poetas deste universo, para além das já citadas, de Craveirinha a Mia Couto, de Manuela Margarido a Alda Espírito Santo, atente-se, por exemplo, ao principal título desta última: “É nosso o solo sagrado da terra”.

É neste conjunto de vozes que a escrita de Inez Andrade Paes assenta as suas coordenadas, pois apesar de, neste seu livro, estarmos frente a uma poesia centrada fortemente na memória e na solidão, a terra assume uma constância que trespassa a obra: “cá em baixo a chuva de sal deixará um rasto branco/ a decorar brilhante os corais ainda/ na Baía de Pemba “ (p 33); “ o vento disse/ enxugas-me as lágrimas de areia que trago de África” (p 52); “ já ambas/ vestidas de África” (p 74). A memória, a solidão e a saudade que os pais lhe deixaram, nomeadamente a portentosa rememoração de Glória de Sant’Anna, não nos surgem como um qualquer rumorejar à margem dos seus contextos, elas são antes a afirmação de Relações que subsistem para além da presencialidade física do Outro. Assim como a Saudade que a Inez escreve à saciedade nada tem a ver com Pascoaes, já que é antes a constatação de um por si vivido que ainda permanece em toda a falha que transporta, daí essa saudade apresentar-se-nos sob uma multiplicidade de formas nomeadamente a invocação, a dor e o desalento: “chegaria até ti/ se a estrada não prendesse meu cabelo/ nos ramos do embondeiro e me quisesse lá” (p 30). A presença da terra mátria e da progenitora chega a assumir, por vezes, a fusão perfeita como no poema “Maama” (mãe, na língua macua): “limpa o caminho agreste de mato rasteiro/ de olho preto redondo e fixo/ pousa em minha mão como missanga perdida/ ao acaso” (p 13); noutras, invade mesmo o espaço do sagrado, como no poema “Senhora” onde uma tríade feminina se fecha sobre si própria: a mãe, a Virgem e a terra. Por fim, e como corolário deste quotidiano saudoso da poeta, a casa desvenda-se como instância a meio caminho da terra e da voz que naquela se inscreve, mas esta casa não é a representação

sensível de uma qualquer entidade metafísica, nem sequer o sombrio espaço onde elites guardam o vinho, o kit e o sexo por fazer, a casa em Inez Andrade Paes, apesar de coisa objectiva, tem as PAREDES ABERTAS AO CÉU e a vida não se cumpre aí em exibicionismos de possuidores desapossados, mas antes na macieza de gestos simples e na autenticidade de sentires que ao olhar alheio se mostram sem pretensões nem ludíbrio: “ risos na sala aberta ao sol/ branca toalha na mesa/ a aba/ abana a aba// abana/ e no centro a chávena” (p 46), “ de repente/ sinto o ar morno da sala/ lento a chegar/ a embeber o ar frio/ e a espalhar um chão/ de mar/ transparente” (p 59).

Ao contrário do seu primeiro livro, “O Mar Que Toca em Ti”, neste a forte carga emotiva não se espria pela obra num confessionalismo rondando o diarístico, aqui o pungimento das palavras da poeta não cai sobre as páginas sem antes ser submetido ao atento, e também sofrido, trabalho da razão: “ me devoro de ideias e sentimentos/ que não quero/ me devoro e cumpro mesmo/ errando na atmosfera deixada “ (p 63), “ envolvo o corpo em concha/ e medito/ no espaço/ entre a palavra dita/ e a ferida aberta” (p 67). E é este trabalho de um pensamento emotivo, ou de toda uma

emotividade devidamente pensada, que, por sua vez, se enraíza e expressa numa terra bem sua, que faz da voz de Inez Andrade Paes uma voz singular, perfeitamente identificável e com um destino poético por cumprir.

VICTOR OLIVEIRA MATEUS
Lisboa, 14 de Março de 2011

* * * * *